



CASCAIS

The Charm of the Atlantic Coast.

cascais.pt



VILLA ROMANA DE FREIRIA



POLIMA
S. DOMINGOS DE RANA

HISTÓRIA DE UMA DESCOBERTA

A existência de vestígios arqueológicos em Freiria foi inicialmente detetada por Vergílio Correia (1888-1944), quando encontrou uma sepultura romana junto às pedreiras do local. Guiados por essa informação, os arqueólogos Guilherme Cardoso e José d'Encarnação fizeram sondagens em meados da década de 80 e, com enorme surpresa, depararam-se com vestígios inequívocos de uma *villa* romana. O sítio viria a ser escavado em campanhas sazonais, entre 1985 e 1998, dirigidas por estes arqueólogos, que permitiram expor cerca de um terço da

villa romana de Freiria. As escavações focaram-se essencialmente no estudo da área de produção, a *pars fructuaria*, deixando por escavar a totalidade da zona mais nobre, a *pars urbana*, detetada em 1985.

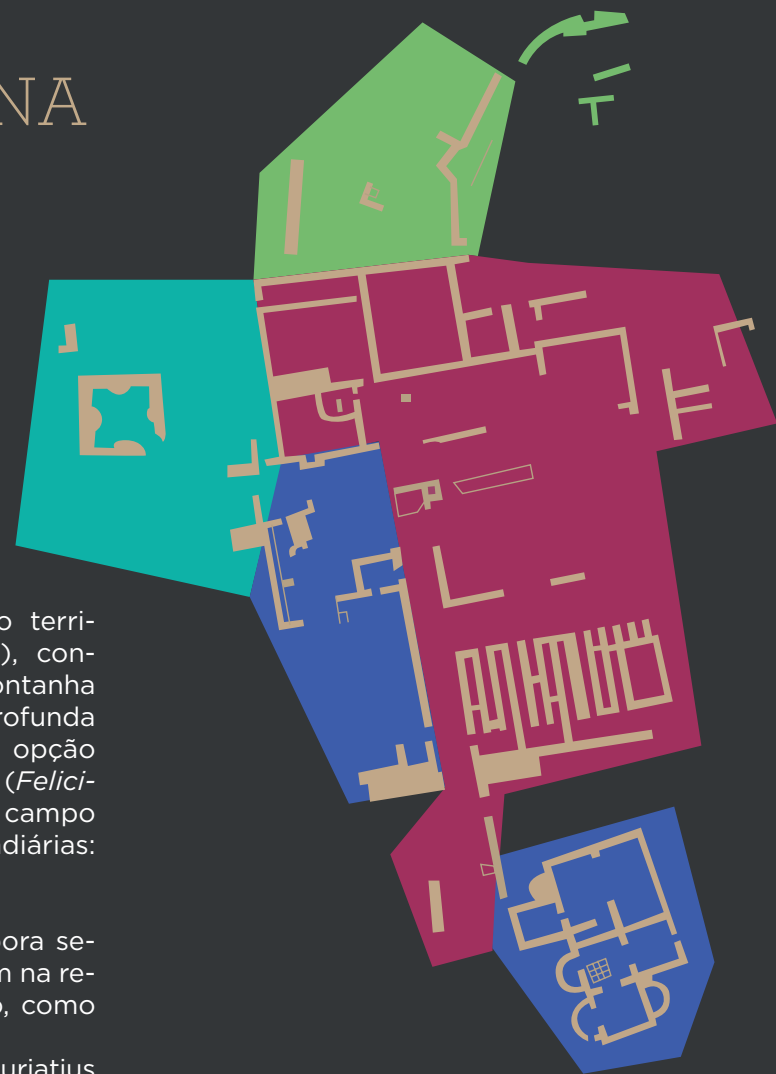
A concentração de esforços numa zona das *villae* que é normalmente pouco estudada revelou-se uma aposta ganha, pois permitiu identificar a estrutura de embasamento de um enorme celeiro que, então, só tinha paralelo noutro exemplar da Península Ibérica, na *villa* romana de Monroy, perto de Cáceres.

COORDENADAS GPS: 38.752850, -9.314879



CASCAIS
CULTURA

A VILLA ROMANA DE FREIRIA



Foi no período romano que o vasto território agrícola (os *agri* olisiponenses), confinado entre a serra de Sintra - Montanha da Lua - e o mar, conheceu uma profunda transformação em consequência da opção de dignitários influentes de Lisboa (*Felicitas Ivulia Olisipo*) que instalaram no campo as suas propriedades agrícolas latifundiárias: as *villae*.

Freiria foi uma dessas *villae* que, embora semelhante a muitas outras que existiriam na região, surpreende tanto pela dimensão, como pelo bom estado de conservação. Aparentemente fundada por Titus Curiatius Rufinus, um dos primeiros colonos romanos a chegar aos territórios de *Olisipo*, no início do século I, é dotada de todos os componentes basilares de uma *villa*, considerados fundamentais ao *modus vivendi* romano, estando a sua conceção espacial baseada nos cânones clássicos e em tratados de agrónomos da época.

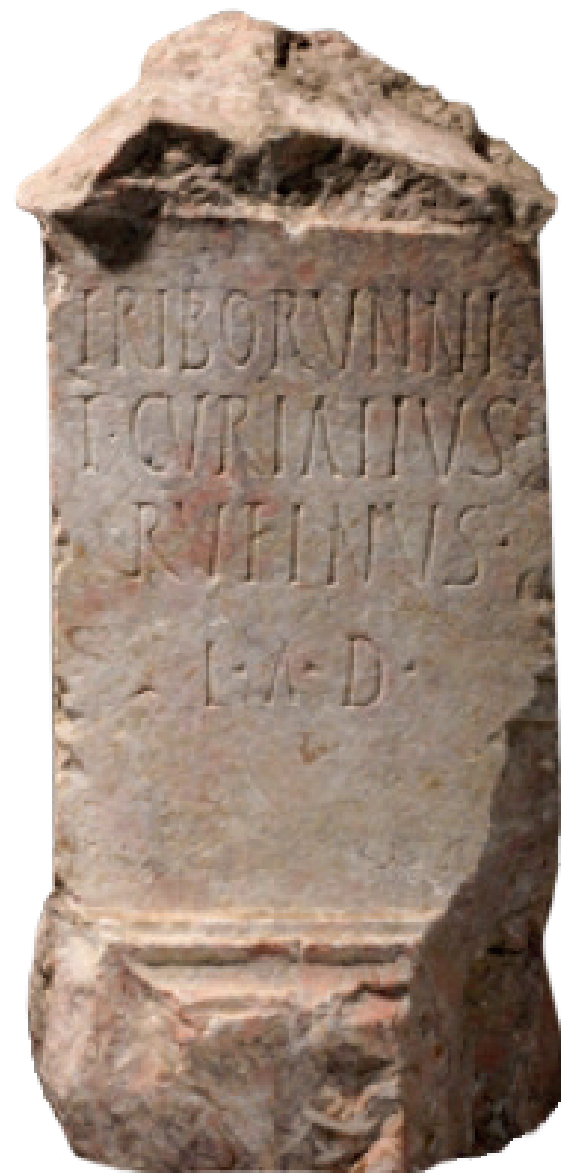
O TERRITÓRIO

A *villa* romana de Freiria tinha uma vocação agrícola suportada num sistema de organização da propriedade que englobava diferentes áreas de produção como: o *hortus* - jardim, horta e pomar; o *ager* - campos de culturas arvenses, com um sistema de agricultura de sequeiro; o *saltus* - a pastagem arborizada com fins pecuários e a *silva* - a área ocupada por floresta.

Para lá da linha de água, que corre no fundo do vale, encontrava-se a necrópole, conforme ao hábito romano, onde repousam as gentes do lugar protegidas eternamente pelos deuses das profundezas: *Dis Manibus*.

O MUNDO PRÉ- ROMANO

A *villa* romana de Freiria foi erguida por colonos oriundos da Península Itálica que, nos princípios do século I da nossa era, se instalaram num local, anteriormente habitado por comunidades pré e proto-históricas, num contínuo de ocupação humana que não teve interrupção. Os vestígios arqueológicos desta mais remota presença foram identificados numa área externa ao recinto murado da *villa*.



A “CASA DE TITUS”

A *domus*, área residencial reservada ao proprietário e família, era habitação para os tempos de lazer passados na *villa*, mas também espaço de receção e convívio com amigos e parceiros de negócios.

Será esta a casa mandada edificar por Titus Curiatius Rufinus, um dos primeiros colonos romanos que terá vindo para os territórios de *Olisipo* no início do século I, conforme a informação que é possível apurar a partir da ara de altar encontrada neste sítio, e que é dedicada a *Triborunis*, divindade indígena, a quem o dedicante pede “autorização” para ocupar o lugar.

ARQUITETURAS DE UMA VILLA

A casa da *villa* era em tudo semelhante à *domus* urbana de famílias abastadas. Arquitetonicamente organizada em torno de um pátio aberto central, que, circundado pelo corredor periférico, o *peristylum*, permitia aceder aos diferentes compartimentos que se dispunham ao redor. As divisões podiam incluir o escritório ou área de negócios, um ou vários altares, quartos, cozinhas, sala e, em destaque, a sala de jantar: o *triclinium*. As paredes podiam ser pintadas e decoradas com estuques, por vezes de uma grande beleza e complexidade, e alguns pavimentos decorados com mosaicos. Possuiria água

corrente, graças a sofisticados sistemas de canalizações, de que ainda há vestígios, que alimentavam também o tanque central do pátio e irrigariam os canteiros envolventes.

AS TERMAS E A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR

O local privilegiado da casa eram as termas (*thermae*), local destinado aos banhos alternados de águas quentes, mornas e frias. Estes complexos termais que, embora variando nas soluções arquitetónicas adotadas, eram normalmente compostos por: *apoditerium*, o vestiário; *tepidarium*, para os banhos tépidos ou mornos; *caldarium*, para os banhos de água quente; *frigidarium*, para os banhos de água fria; *sudatorium*, espécie de sauna; e o *prefurnium*, local das fornalhas que aqueciam a água e o ar. Com uma dimensão invulgar, este balneário, dotado de dois pisos com canais de circulação de ar quente nas paredes, constitui o segundo complexo termal edificado na *villa* e que, aparentemente, não terá sido concluído. Os banhos, quentes e frios, constituíam um ritual diário para os senhores da *villa* e seus convidados. Uma prática higiénica e medicinal, naturalmente, mas também pretexto para convívio e oportunidade de se planearem negócios, estudarem estratégias de campanhas políticas a cumprir... Em geral, as manhãs eram reservadas às mulheres e as tardes aos homens.

O LAGAR E A FRUCTUARIA

Em toda esta zona, situada a Norte do celeiro, dispunham-se os restantes edifícios dedicados à produção, a *fructuaria*, integrando os estábulos para o gado bovino e para os equídeos e, sobretudo, o lagar de azeite. O lagar, facilmente reconstituível a partir dos vestígios remanescentes, ainda conserva o contrapeso *in situ*.

Trata-se de um lagar dotado do sistema tradicional de prensa de vara, onde a localização do enorme bloco de pedra e dos tanques, revestidos com *opus signinum*, permite imaginar a disposição das restantes peças de prensa, da zona de moagem da azeitona e do circuito de decantação do azeite.



O CELEIRO E OS AGRIZINHOS

O celeiro da *villa* romana de Freiria é a estrutura que mais impressiona entre o conjunto de edificações, tanto pela monumentalidade, como pelo estado de conservação, havendo escassos exemplares que lhe façam paralelo. As estruturas visíveis correspondem a duas fases de construção dos muros de sustentação do celeiro, que seria composto por uma superestrutura de madeira sobrelevada, permitindo o arejamento e a secagem eficiente dos cereais, através da circulação de ar pelos canais paralelos entre muros, e também o afastamento de pragas de roedores. Acredita-se que este enorme celeiro tenha servido para armazenar cereais provindos não apenas dos campos agrícolas pertencentes a esta *villa*, mas também das *villae* vizinhas.